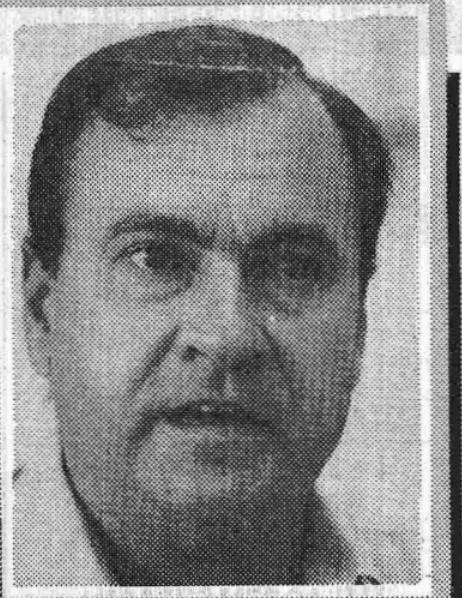


■ César Maia

## Precisamos de um Banco Central que diga não e faça o governo ajustar as contas



**A** questão da aceleração inflacionária é consensual. O que se pode discutir é a sua velocidade. Os agentes econômicos já estão contando com uma inflação mais elevada do que a retratada pelos índices. O mês de setembro será particularmente infeliz para o governo. Há uma concentração de eventos em setembro, como o reajuste semestral dos aluguéis e a nova política salarial, que deverá vir através de uma medida provisória. Os preços agrícolas estão em ascensão e há ainda o efeito da liberação dos cruzados e da entrada em vigor da nova lei de custos e benefícios da Previdência Social.

Esses fatores podem não ser significativos, se considerarmos apenas um mês. Mas, se forem acumulados por três meses, ganham uma dimensão bem maior. E, sem dúvida, exerçerão efeito multiplicador sobre o consumo. O ministro Marcílio fala numa expansão direta do consumo de 2% do PIB e os economistas falam em 6%. Se ficarmos no meio termo, teremos um crescimento

acumulado do consumo entre 15 e 20%, em quatro meses. O que é expressivo. Sabemos que a economia vai buscar mecanismos para atenuar os efeitos da expansão do consumo, e o principal deles é a própria inflação, que serve para reduzir o poder de compra.

Estou convencido de que o governo perdeu as condições políticas que tinha no ano passado para resistir às pressões e produzir o equilíbrio fiscal. Tratar a reforma constitucional como um elemento de ajuste fiscal é uma conversa para enganar os trouxas. As reformas constitucionais só vão produzir efeitos a partir de 1994 ou 1995, e não nesta conjuntura. Portanto, não terão qualquer impacto sobre a inflação do ponto de vista atual. O governo precisa entender a gravidade da situação e criar um instrumento que lhe permita conquistar o equilíbrio fiscal. Esse instrumento é a criação de um Banco Central com autonomia, que diga não às pressões de empresas e políticos, e obrigue o governo a ajustar suas contas, mesmo que seja a força.